



Lovecraft e Poe: Ressonâncias nos contos dos mestres do Horror e suas criações de sensações e ambiências¹

Yuri Garcia²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar similaridades entre dois dos maiores autores de horror da história, Edgar Allan Poe e H. P. Lovecraft. O segundo mantinha correspondências e diários de sua vida pessoal, além de ter escrito ensaios sobre o gênero, de forma que, rapidamente, podemos ver a idolatria que possuía por seu antecessor registrada com suas próprias palavras. Assim, sabemos que Lovecraft fora um consumidor assíduo de Poe, nos resta agora, ao longo deste artigo, destacar suas similaridades na escrita e nas histórias e apontar um conto mais desconhecido do primeiro autor como, possivelmente, uma das maiores inspirações dentro de sua obra para o desenvolvimento da narrativa e da mitologia criada por seu precursor. Entre os pontos importantes de interseção que percebemos entre os dois, destacamos aqui para uma breve análise: a investigação ou relato de experiência testemunhada do narrador, a atmosfera criada para o conto de horror e o perigo oriundo dos mares e oceanos.

Palavras-chave: H. P. Lovecraft; Edgar Allan Poe; literatura; consumo.

Introdução

Em 1963, o diretor Roger Corman, famoso por suas parcerias com Vincent Price e por suas inúmeras versões audiovisuais dos contos de Edgar Alan Poe, assim como suas releituras, homenagens e citações, traz *“The Haunted Palace”*, traduzido no Brasil como *“O Castelo Assombrado”*. A princípio, parecia ser mais uma das investidas da dupla em um filme de mistério e horror baseado em Poe, mas tratava-se,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 10 - CONSUMO, LITERATURA E ESTÉTICAS MUDIÁTICAS, do 5º Encontro de GTs - Comunicon, realizado nos dias 5, 6 e 7 de outubro de 2015.

² Doutorando em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e autor do livro *“Drácula: o vampiro camaleônico”* (2014). Pesquisa atualmente o autor H. P. Lovecraft e suas apropriações na cultura contemporânea. E-mail: yurigpk@hotmail.com.



na verdade, de algo mais complexo, e que talvez até hoje não seja possível compreender.

Com uma chamada que remetia diretamente ao autor “*Edgar Allan Poe’s The Haunted Palace*” (algo parecido com o que Francis Ford Coppola fizera em seu filme “*Dracula*” de 1992 e que fora até incorporado em sua tradução para o português “*Drácula de Bram Stoker*”) é estranho descobrir que não se trata de um conto de Poe e sim de Lovecraft.

A película é baseada no conto “*The Case of Charles Dexter Ward*”, escrito em 1927, porém publicado apenas em 1941 após a morte do autor. O filme se enquadra perfeitamente nos moldes das diversas outras produções feitas pela parceria Price/Corman e é considerado um bom filme de horror para a época (com uma nota 6,8 no internet movie database³ e 71% de aprovação no Rotten Tomatoes⁴, dois dos principais sites de filmes da internet). Não é exatamente parte do cinema “trash” em que a maior parte das obras lovecraftianas transpostas para o universo fílmico se encontram como, nos mais famosos exemplos, através dos diretores Daniel Haller de “*Die, Monster, Die!*” (1965) e “*The Dunwich Horror*” (1970) e principalmente Stuart Gordon “*Re-Animator*” (1985), “*From Beyond*” (1986), “*Castle Freak*” (1995), “*Dagon*” (2001). Aqui vale destacar que, além de ter sido vendida como mais uma adaptação de uma obra de Edgar Alan Poe, é até hoje assim conhecida, mesmo em um momento em que Lovecraft é cada vez mais consumido na chamada “cultura de massa”⁵.

Os motivos que permeiam essa decisão? Por que alimentar tal farsa? Por que vender um produto que pode ser facilmente desmascarado? E por que a insistência em manter isso mesmo em um momento em que Lovecraft é reconhecido por seu talento e é consumido na cultura midiática de uma forma mais massiva até do que Poe? Talvez algumas sejam perguntas sem respostas que apenas acrescentam o ar de

³ <http://www.imdb.com/>

⁴ <http://www.rottentomatoes.com/>

⁵ Destacamos já, desde o início do trabalho, que não desejamos cair em dicotomias como “cultura de massa” e “cultura erudita”. Qualquer utilização no texto servirá apenas como um operador teórico.



estranheza ao universo lovecraftiano, todavia o que se sabe é que a decisão veio da produtora American International Pictures contra a vontade do diretor e também produtor Roger Corman. Segundo a Wikipédia o motivo seria para dar uma idéia de continuidade à série de filmes sobre obras de Poe⁶.

Podemos levantar uma possibilidade de não querer se associar ao nome de Lovecraft em uma época em que não possuía o mesmo prestígio que atualmente e realçar que atrelar o filme hoje em dia a seu nome poderia atribuir uma caráter “trash” não desejado às obras de teor um pouco mais clássico feitas pela dupla Vincent Price e Roger Corman (necessário destacar que tal possibilidade serviria apenas para os dois artistas juntos, pois separados já haviam se envolvido com alguns filmes B). Essa hipótese seria meramente especulativa e de nada nos adiantaria. Entretanto, tal fato, pode nos chamar a atenção para a confusão entre as obras de Poe e Lovecraft e algumas questões de autoria e influência de um autor em outro que iremos investigar melhor.

Um conto específico de Poe nos passa uma impressão de ser inspirado em Lovecraft. Se Edgar Allan Poe nasceu em 1809 e morreu em 1849, tendo escrito seu conto “Uma Descida no Maelstrom” (“*A Descent into the Maelström*” no original em inglês) no ano de 1841, como pode ter sido influenciado por Lovecraft, que nasceu apenas em 1890, 41 anos após a morte de Poe? Obviamente o que podemos apontar aqui é que o primeiro influenciou o segundo e não o contrário. A questão é que é um conto de Poe um pouco diferente do que o autor costuma nos oferecer e não muito conhecido, mas que se parece muito com o que Lovecraft faz na extensão de sua obra.

O autor Harold Bloom desenvolve uma teoria que nos elucida sobre o assunto. Em seu livro “A Angústia da Influência” (2002) nos é apresentado o sentimento de escritores que se inspiram em seus precursores e sentem a necessidade de superar suas obras. Segundo o crítico literário, todo autor “tardio” (*belated*) sente o peso de seus precursores e assim se vê obrigado a confrontar-se com sua obra “deslendo-a” (*misreading*) e reelaborando-a.

⁶ http://en.wikipedia.org/wiki/The_Haunted_Palace



No caso de Poe e Lovecraft, o êxito do segundo escritor e sua consolidação na cultura, transformou-o em uma figura literária tão poderosa que tendemos a ler o primeiro sob um prisma lovecraftiano. Este trabalho procura encontrar algumas interseções entre ambos os autores e destacar o conto apontado acima como um possível inspirador para a elaboração do *Cthulhu Mythos*.

Poe e Lovecraft

Edgar Allan Poe nasceu em 1809 e ainda novo ficou órfão ao perder sua mãe que morreu pouco após seu pai ter abandonado a família. Foi adotado (embora não formalmente) pelo casal Francis Allan e John Allan. Sua vida foi repleta de complicações financeiras por ter sido um dos primeiros escritores americanos (o primeiro entre os nomes mais conhecidos) a tentar ganhar a vida apenas através de sua escrita. Entretanto, Poe fez parte do movimento romântico americano e ficou conhecido por suas histórias que envolvem o mistério e o macabro, além de ter sido um dos primeiros escritores americanos de contos e considerado por alguns como o inventor do gênero ficção policial, também recebendo crédito por sua contribuição ao emergente gênero de ficção científica (uma das áreas exploradas com frequência por Lovecraft). Contudo, os críticos de sua época não o viam com a mesma admiração que o público.

De qualquer modo, o público não subscreveu a opinião da crítica. Edgar Allan Poe continua sendo escritor prestigiado pelo leitor comum, que ainda se encanta com suas histórias de terror. E talvez esse despretenso leitor esteja com a razão, pois, a despeito da linguagem “glutinosa” ou do estilo “mecânico”, Poe sempre consegue, em mais de um momento, provocar-nos aquele arrepio de morte ou aquela impressão de vida que, em literatura, constituem o melhor, senão o único, passaporte para a imortalidade. (PAES *apud* POE, 2008, p.10-11)⁷

Em 20 de Agosto de 1890, na cidade de Providence, Rhode Island, nasce Howard Philips Lovecraft (conhecido como H. P. Lovecraft, ou apenas Lovecraft). Com um intelecto que parecia atuar no limite entre a genialidade e a loucura como

⁷ Apresentação da edição de 2008 do livro “Histórias Extraordinárias” traduzido por José Paulo Paes.



apontado em sua interessante biografia⁸ e uma enorme dificuldade para conseguir arranjar emprego ou se sustentar através de sua escrita, o autor viveu uma vida publicando em revistas amadoras. Morreu em 15 de Março de 1937, precisamente num momento em que parecia atingir sua maturidade intelectual e literária, ensaiando um início de reconhecimento que apontava para seu ápice como escritor.

Lovecraft não fora um autor de grande repercussão ou sucesso em vida. Mesmo assim, possuía fiéis seguidores do seu trabalho, que contribuíram para fazer algumas de suas últimas obras chegarem às prensas. Não muito tempo após sua morte, as histórias do autor começam a se firmar no cenário da literatura de horror, destacando-o como um dos principais nomes do gênero e conquistando legiões cada vez maiores de admiradores entre nichos de públicos específicos. Atualmente, é consolidado como um grande nome do horror e da ficção fantástica e sua mitologia e perspectivas foram incorporadas em nossa cultura e são continuamente reelaboradas.

O princípio literário de Lovecraft era o que ele chamava de “Cosmicismo” ou “Terror Cósmico”, que se resume à ideia de que a vida é incompreensível ao ser humano, e de que o universo é infinitamente hostil aos interesses do homem. Isto posto, as suas obras expressam uma profunda indiferença às crenças e atividades humanas. (Wikipédia)⁹

O verbete acima oferece uma breve, porém eficiente descrição do princípio literário das obras de Lovecraft. Na realidade, embora a mitologia lovecraftiana seja um pouco complexa, é interessante como encontramos diversas explicações bem satisfatórias ao procuramos na internet em meios mais simples de pesquisa como a Wikipédia.

Lovecraft nos apresenta seres indescritíveis e cria universos que ultrapassam os limites da racionalidade. Seu mundo imaginário representa o ser humano como criatura abandonada em um cosmos indiferente à sua existência, dando forma a uma peculiar mitologia não (ou mesmo anti) antropocêntrica. Espécies alienígenas muito superiores teriam dominado a Terra em um passado remoto e aguardam adormecidas

⁸ Para mais detalhes ver o livro de S. T. Joshi “A Dreamer and a Visionary: H. P. Lovecraft in his time” (2001) ou sua tradução em português de 2014 “A Vida de H. P. Lovecraft”.

⁹ https://pt.wikipedia.org/wiki/H._P._Lovecraft



seu retorno em um futuro apocalíptico¹⁰. Dessa forma, o autor nos apresenta um conceito de divindade que prescinde dos homens e habita outra(s) dimensão(ões), possuindo noções de tempo e espaço muito além da capacidade da compreensão humana. Tal mitologia evoca uma religiosidade monstruosa de alienígenas e uma perspectiva com uma visão do ser-humano como um mero inseto insignificante diante de um cosmos que aponta para o imenso poder do desconhecido.

Se olharmos apenas por essa perspectiva, não há nada em comum entre os autores a não ser o gênero do horror. No entanto, Lovecraft, de fato, havia sido um grande admirador de Poe, e em diversas de suas cartas e textos, revela ter se inspirado imensamente em sua obra. Contudo, ao analisarmos as obras de Poe, destacamos uma que dialoga também com diversas criações encontradas na mitologia de Lovecraft e que podem ter sido uma importante influência na criação do *Cthulhu Mythos*.

Em 1841 Edgar Allan Poe escreve “*A Descent into the Maelström*”, conto que pode ser considerado um dos primeiros exemplos literários de ficção científica. A história é inspirada no *Moskstraumen*, um redemoinho formado junto ao arquipélago de Lofoten, na costa da Noruega. A narração é feita por um relato dentro de um relato, uma história dentro de uma história. Um homem e seus dois irmãos são apanhados por um furacão enquanto pescavam e o barco é conduzido ao centro de um poderoso redemoinho de onde não conseguem sair. Assim, são puxados para dentro e cada vez mais, para baixo, esperando o terrível destino que os reserva de ser engolido pela fúria da natureza. Durante o ocorrido ele testemunha a morte de um de seus irmãos e ao final abandona o outro para um destino similar no intuito de conseguir se salvar. O maelstrom é descrito como o horror que os conduzia para a morte, entretanto, ao longo da narrativa, vemos uma mudança na descrição quando ele passa a ser caracterizado por sua beleza, grandiosidade e como um maravilhoso espetáculo que mostra as forças extraordinárias da natureza.

¹⁰ Nesse sentido, é possível especular que seu impacto na cultura contemporânea (por exemplo, em formas de literatura esotérica popular ou na vertente de “Eram os Deuses Astronautas”, de Erik Von Däniken) foi ainda maior do que se poderia pressupor à primeira vista. Ver a curiosa tese de Jason Colavito em “The Cult of Ancient Gods: H. P. Lovecraft and Extraterrestrial Pop Culture” (2005).



No conto de Poe destacado acima, o oceano traz o desconhecido, o espantoso, o perigo de morte e nos mostra o ser-humano insignificante diante da potência do maelstrom. Não é uma história muito conhecida do autor e foge um pouco dos assuntos típicos de suas outras obras, porém, um leitor ávido como fora Lovecraft, sem dúvida, conheceria bem “Uma Descida no Maelstrom”. Dessa forma, visto algumas características em comum entre essa história e as diversas que envolvem o *Cthulhu Mythos*, podemos supor que sua inspiração foi importante para a escrita de Lovecraft.

O relato de uma experiência pavorosa (ter visto e presenciado algo), a investigação detetivesca e a pulsão escópica são aspectos importantes nas histórias de ambos os autores. Poe é um dos precursores dos romances policiais com o detetive C. Auguste Dupin, gênero que rapidamente adquiriu popularidade entre as massas. O investigador é um curioso, alguém cujos olhos devem ser saciados pela sua necessidade de testemunho. O gênero gótico já trabalhava o descobrimento de um mistério em suas histórias mais voltadas para o horror e tanto Poe como Lovecraft se utilizam de tal ferramenta em suas narrativas. Talvez devido a uma tradição já existente de romances góticos trabalhados de tal forma ou talvez até devido à importância dada à visão como sintomática da época dos autores (mesmo com 50 anos de diferença entre ambos). Herbert Marshall McLuhan¹¹ aponta a invenção da prensa trazendo uma ruptura entre tradição oral e tradição visual; em outra perspectiva, Jonathan Crary propõe em seu livro “Técnicas do Observador” (2012) que tal ruptura ocorre em torno de 1820.

No início do século XIX, a ruptura com os modelos clássicos de visão foi muito mais do que uma simples mudança na aparência das imagens e das obras de arte, ou nas convenções de representação. Ao contrário, ela foi inseparável de uma vasta reorganização do conhecimento e das práticas sociais que, de inúmeras maneiras, modificaram as capacidades produtivas, cognitivas e desejantes do sujeito humano. (p.13)

¹¹ Para mais detalhes ver: “A Galáxia de Gutenberg” (1977) e “Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem” (2007).



COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

Segundo Crary, novas tecnologias que ofereciam um lugar de destaque para o olho começavam a surgir, novas ciências e perspectivas de estudo do olho humano e a ideia de sujeito se reformulava.

A partir do início do século XIX, com Goethe, e já nas décadas de 20 e 30 do século XIX, com o desenvolvimento de novas ciências empíricas (sobretudo a fisiologia óptica e a psicofisiologia), o olho mergulha na opacidade e na espessura do corpo humano, com sua inevitável contingência e sua variabilidade incontrolável. (FERRAZ, 2010, p.27)

Se pensarmos pelo prisma McLuhaniano, vemos tal período ainda imerso na “Galáxia de Gutenberg” e podemos destacar qualquer texto pós-invenção da prensa como produto de uma sociedade visual. Se adotarmos a perspectiva de Crary que traz instrumentos tecnológicos e ciências surgidas no início do século XIX como importantes para a adoção de uma importância maior à visão, também podemos destacar os dois escritores vivenciando tais mudanças. E se apenas pensarmos em uma inspiração do romance gótico e da literatura policial iniciada no primeiro, também encontramos ambos os autores. De qualquer forma, vemos a curiosidade e a necessidade de comprovar através da visão o mistério que permeia a história como fios condutores dos contos de Poe e Lovecraft.

Em Poe, podemos ver isso de forma mais ampla, rumo ao descobrimento de um responsável por mortes ou outros tipos de crimes – como encontramos normalmente nas narrativas de suspense e horror – ou das formas mais variadas possíveis como em contos como “O Homem da Multidão” ou narrativas que flertam mais com o sobrenatural. “Uma Descida no Maelstrom”, assim como as histórias de Lovecraft revelam a possibilidade de conhecer um mundo misterioso, não necessariamente bom ou ruim em nosso próprio planeta. Nesse caso, mais especificamente, nos mostrando a fúria e a potência da natureza nos mares e oceanos.

As grandes navegações e os avanços científicos acabaram deixando o desconhecido apenas para outros planetas e o espaço. A frase “*Space, the final frontier*” dos seriados e filmes da franquia “Star Trek” é sintomática desse fato. Acabamos perdendo parte do mistério do nosso planeta, que costumava ser atribuído aos mares e oceanos. Podemos perceber uma longa tradição de seres míticos aquáticos



como o Leviatã, o monstro do lago Ness, o Cracken e outros. Os mares e oceanos se mostravam como uma enorme porção do nosso mundo que era inexplorada pela humanidade e onde figuravam temores e superstições do homem. Lovecraft retoma a ideia do desconhecido habitando o mesmo plano que nós, apontando a nossa “cegueira”, a nossa ignorância sobre “a verdade” como fundamental para nossa felicidade e sanidade. Não é casual o fato de que vários seres da mitologia de *Cthulhu* habitem as profundezas aquáticas.

Outro importante aspecto visto nas obras de Poe (e talvez, sobretudo, em “Uma Descida no Maelstrom”) que podemos perceber é a atmosfera criada.

Relativamente ao conto, as ideias de Poe não se afastam das suas demais ideias sobre o fato artístico em geral. Preconizava, nesse gênero, o uso e abuso do que denominava “a unidade de efeitos”. Ao descrever uma *short story*, devia o artista ter sempre em mente o desfecho da narrativa e, de acordo com esse desfecho, dispor as cenas, *criar a atmosfera, de modo a provocar no leitor um efeito definido de enternecimento, de solidão, de horror etc.* (PAES *apud* POE, p.10, grifo nosso)¹²

Abaixo, podemos ver em Lovecraft, a mesma preocupação:

Meu motivo para escrever histórias é dar a mim mesmo a satisfação de visualizar mais claramente e detalhadamente e consistentemente as vagas, elusivas, fragmentárias impressões de maravilha, beleza e expectativa aventureira que são transmitidas pra mim por certas expectativas (cênica, arquitetural, *atmosférica*, etc.), ideias, ocorrências e imagens encontradas na arte e literatura. (LOVECRAFT, grifo nosso)¹³

Um dos precursores da chamada “Teoria da Mídia Alemã”, o autor Hans Ulrich Gumbrecht desenvolve o conceito de “*Stimmung*” a fim de destacar melhor a ideia das sensações e ambiências causadas pela leitura (e que exemplifica perfeitamente a sensação de ler Lovecraft e Poe). Infelizmente, tal palavra em alemão não possui uma tradução que consiga trazer todas as possibilidades que o autor procura passar. Contudo o texto “Reading for the *Stimmung*? About the Ontology of

¹² Apresentação da edição de 2008 do livro “Histórias Extraordinárias” traduzido por José Paulo Paes.

¹³ Nossa tradução de “My reason for writing stories is to give myself the satisfaction of visualizing more clearly and detailedly and stably the vague, elusive, fragmentary impressions of wonder, beauty and adventurous expectancy which are conveyed to me by certain sights (scenic, architectural, atmospheric, etc.), ideas, occurrences and images encountered in art and literature.” (LOVECRAFT)



Literature Today” (2008) de Gumbrecht apresenta uma explicação detalhada de tal conceito.

Segundo o autor, o texto não nos provoca apenas processos de compreensão, interpretação e análise do conteúdo escrito por uma perspectiva puramente hermenêutica¹⁴, mas nos abala de uma forma sensorial. Em casos como a poesia percebemos isso de forma mais clara, mas o conto de horror também dialoga com essa necessidade sensorial para envolver o leitor e Lovecraft e Poe sempre foram autores que se dedicaram com entusiasmo a criação de tais sensações ou ambiências.

Aqui, vemos uma passagem abaixo do conto de Poe, em que a sensação e os afetos claramente criam a atmosfera necessária: “Não vou esquecer nunca as sensações de medo, horror, e admiração pelo que pude olhar a minha volta.”¹⁵ Com Lovecraft talvez tal característica se acentue mais, uma vez que a imprecisão das descrições de seus seres se mistura com um paradoxal excesso de adjetivos para fazê-lo, de forma que no resultado final, a sensação de não saber ou melhor, não compreender a dimensão do que estamos tentando descobrir nos causa maior assombro.

“O mais importante de tudo é a atmosfera, pois o critério final de autenticidade não é recorrente de uma trama e sim a criação de uma determinada sensação.” (LOVECRAFT, p.5)

Considerações Finais

A autoria “original” é uma ideia superada no âmbito acadêmico. Todas as obras são o produto de diversos fatores, podendo pensar no autor até como uma antena que capta o que existe no ar e transpõe para sua obra. Sem entrar em méritos sobre a precisão ou exagero da metáfora acima, é necessário destacar aqui que, antes

¹⁴ Embora o termo seja bem amplo, usaremos ele de acordo com a perspectiva que o próprio autor a utiliza, sobretudo em sua famosa obra “Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir.” (2010)

¹⁵ Versão traduzida do texto. No original “Never shall I forget the sensations of awe, horror, and admiration with which I gazed about me.” (POE)



de um escritor ser um produtor de seu texto ele foi um consumidor de outros que provavelmente influenciaram suas obras.

O teórico Roger Chartier apresenta o conceito de “apropriação” que aponta para a pluralidade nas possibilidades interpretativas de leitura. Ou seja, não há uma forma universal de lermos um livro (objeto de estudo de Chartier), mas diferentes maneiras particulares a cada indivíduo de compreendê-lo. Segundo o autor, nos “apropriamos” de obras à nossa maneira específica e cada um possui uma “leitura”, uma “apropriação” pessoal em que todos os fatores possíveis influenciam as diversas formas de consumo de uma obra.

Assim, não podemos analisar a forma como Lovecraft consumiu Poe, mas podemos apontar que houve tal consumo e que, a julgar pela admiração e pelas semelhanças entre suas obras, sobretudo em “Uma Descida no Maelstrom”, fora de grande importância e influência para a produção de sua mitologia.

Quando falamos em mitologia, devemos sublinhar que Lovecraft não elabora uma religiosidade propriamente dita e sim uma noção de sobrenatural centrada na figura do monstro. A palavra vem do latim “*monstrum*” que seria algo como “aberração”. Todavia, investigando mais a fundo encontramos o verbo “*monstrare*” que significaria “indicar”, “apontar”, ou procurando uma palavra mais simples, cotidiana e similar, “mostrar”. Então, o monstro seria o “que se mostra”, ou, “aberração que se mostra” talvez seja mais próximo de um sentido mais específico.

A figura da monstruosidade exerceu uma função simbólica fundamental. Perturbando os sentidos, especificamente a visão, o monstro foi pensado como uma aberração, uma folia do corpo, introduzindo, como oposição lógica, a crença na necessidade da existência da “normalidade” humana, do corpo lógico.” (TUCHERMAN, 1999, p.79)

Partindo da etimologia da palavra “monstro”, encontramos o ato de “se revelar” presente nesse ser. No contexto do pensamento medieval, por exemplo, “os monstros são manifestações físicas, palpáveis, corpóreas de atos pecaminosos” (FELINTO; SANTAELLA, 2012, p.85, grifo nosso) ou então materializações do poder ilimitado de Deus (*mirabilia*). Dessa forma, o aspecto material é altamente essencial e aponta novamente para uma importante relação com a visão, o olho. “O



monstro funciona como monstro, em outras palavras, quando é capaz de condensar a maior quantidade possível de atributos produtores de medo para um corpo.” (HALBERSTAM, 1995, p.21)¹⁶

Ao atribuímos o caráter divino aos monstros, trazemos a crença e a fé, presentes na religião para um plano do tangível. O espantoso em Lovecraft é material, rompe a barreira entre o fantástico e o explicável. A dualidade entre *Logos* e *Mythos*, razão e crença, não existe em sua obra.

Poe se concentra mais em assassinos humanos e se preocupa mais com questões de ordem menos cósmica, ou seja, sua relação com a visão e o material é mais óbvia. Todavia, em “Uma Descida no Maelstrom”, Poe sente a necessidade de se relacionar com o desconhecido e com a insignificância humana em seu próprio planeta. No entanto, utiliza as águas e não seres oriundos das profundezas como seus monstros.

O que poderia parecer, a princípio, uma diferença entre Lovecraft e Poe nessa ausência do monstro e do aspecto material da divindade torna-se uma semelhança ao percebemos o maelstrom como uma criatura viva e a natureza como uma poderosa entidade. Poe descreve seu redemoinho gigante como um dos seres do *Cthulhu Mythos*, poderoso e imponente como um deus que se encontrava adormecido e foi acordado de seu descanso, repleto de fúria. O Maelstrom representa o desconhecido, o perigoso, o maravilhoso e nos lembra mais uma vez de nossa insignificância diante do resto do universo.

¹⁶ “The monster functions as monster, in other words, when it is able to condense as many fear-producing traits as possible into one body.” (HALBERSTAM, 1995, p.21)



Referências

- BLOOM, Harold. **A Angústia da Influência**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1996.
- COLAVITO, Jason. **The Cult of Alien Gods: H.P. Lovecraft and Extraterrestrial Pop Culture**. New York: Prometheus Books, 2005.
- CRARY, Jonathan. **Técnicas do Observador: Visão e Modernidade no Século XIX**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- DÄNIKEN, Erik Von. **Eram Deuses Astronautas?**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2010.
- FELINTO, Erick; SANTAELLA, Lucia. **O explorador de abismos: Vilém Flusser e o pós-humanismo**. São Paulo: Paulus, 2012.
- FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Homo Deletabilis: corpo, percepção, esquecimento do século XIX ao XXI**. Rio de Janeiro: Garanond, 2010.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. Reading for the *Stimmung*? About the Ontology of Literature Today. **Boundary 2**. Fall 2008, 35(3), p.213-221.
- _____. **Produção de Presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto e PUC-Rio, 2010.
- HALBERSTAM, Judith. **Skin Shows: Gothic Horror and the Technology of Monsters**. Duke University Press, 1995.
- JOSHI, S. T.. **A Dreamer and a Visionary: H. P. Lovecraft in his time**. Liverpool University Press, 2001.
- _____. **A Vida de H. P. Lovecraft**. São Paulo: Editora Hedra, 2014.
- LOVECRAFT, H. P.. **Supernatural Horror in Literature** (Obtido em domínio público em: <<http://www.hplovecraft.com/writings/texts/essays/shil.aspx>>).
- _____. **Notes on Writing Weird Fiction**. (Obtido em domínio publico em: <<http://www.hplovecraft.com/writings/texts/essays/nwwf.aspx>>)



McLUHAN, Herbert Marshall. **A Galáxia de Gutenberg**: a formação do homem tipográfico. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

_____. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Cultrix, 2007.

POE, Edgar Allan. **Histórias Extraordinárias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

TUCHERMAN, Ieda. **Breve História do Corpo e de seus Monstros**. Lisboa: Editora Vega, 1999.

Sites

<https://pt.wikipedia.org>

<http://en.wikipedia.org>

<http://www.imdb.com>

<http://www.rottentomatoes.com>